

# A CLÍNICA DE CASAL: PSICANÁLISE DAS RELAÇÕES VINCULARES

## THE COUPLE CLINIC: PSYCHOANALYSIS RELATIONS BONDS

Alexandra de Oliveira Sampaio<sup>1</sup>

1. Alexandra de Oliveira Sampaio é Psicóloga Clínica, Especialista em Psicoterapia Psicanalítica Pela UNIVEM/NPMR e Professora do Curso de Psicologia na Faculdade Anhanguera Educacional/Bauru, São Paulo. E-mail: alexandra.sampaio@aedu.com

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. *A clínica de casal: psicanálise das relações vinculares*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. XX-XX, 2009.

### RESUMO

As contribuições desenvolvidas por Freud, Klein e Bion são recursos teóricos e técnicos valiosíssimos na prática clínica com casais. As escolhas de parceiros para a constituição de um par e família, referentes às escolhas objetais descritas por Freud, bem como, as relações de objeto e seus modos funcionais de posições sinalizadas por Melanie Klein são inegavelmente indispensáveis a essa prática. Porém, é as inovadoras reflexões trazidas por Bion nosso maior instrumental de trabalho dirigido ao par conjugal. As formulações sobre os elos (vínculos) estabelecidos entre objetos como função cria uma nova perspectiva sobre a dinâmica das relações conjugais, e também, sobre a dinâmica da relação do casal com o seu psicoterapeuta ou analista. A partir desse enfoque traçado, verifica-se que no atendimento ao casal, experiências intensas vividas na relação analítica são sustentadas por vínculos cuja fonte é da ordem das emoções.

Recebido em: 12/06/2009

Aceito em: 06/10/2009

**Palavras-chave:** Casal. Psicanálise. Psicoterapia. Relações. Vínculo.

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. *A clínica de casal: psicanálise das relações vinculares*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 117-126, 2009.

## ABSTRACT

The contributions developed by Freud, Klein and Bion theoretical and technical resources are invaluable in clinical practice with couples. The choices of partners to form a pair and family choices referring to objectal described by Freud as well as object relations and their functional modes of positions signaled by Melanie Klein are undeniably essential to the practice. However, it is the innovative reflections brought by Bion our greatest instrumental work directed to the married couple. Formulations on the bonds (links) established between objects as a function creates a new perspective on the dynamics of conjugal relations, and also on the dynamics of the couple's relationship with their therapist or analyst. From this approach traced, we found that the couples in attendance intense experiences lived in the analytic relationship are supported by links whose source is in the order of emotions.

**Keywords:** Couple. Psychoanalysis. Psychotherapy. Relationships. Bond

## INTRODUÇÃO

O que é casal? Por que um atendimento ao casal e não uma psicanálise individual para ambos? O que se estabelece como vínculo para essas relações? Essas são algumas das indagações que constantemente terapeutas e analistas se deparam na prática clínica diária com casais que buscam ajuda.

Nas relações humanas, a unidade é constituída por dois. O indivíduo não existe por si mesmo, nem em si mesmo e para si mesmo. O eu é o eu, mas só é o eu juntamente com o outro no qual se relaciona. O outro está contido no eu e sem o outro não há como ser, nem como existir. Desse modo, portanto, sendo toda relação de natureza vincular, pretende-se com este trabalho, compreender os elementos psíquicos inconscientes que envolvem os vínculos conjugais, sustentados nas construções psicanalíticas de Freud a Bion. A psicanálise se interessa pelos vínculos emocionais que conectam os objetos e que permeiam as relações conjugais, enfatizando a ideia das rela-

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. *A clínica de casal: psicanálise das relações vinculares*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 117-126, 2009.

ções entre um espaço continente e um conteúdo, reconhecendo os mecanismos de identificação projetiva presentes (e necessários), e às emoções básicas inerentes ao estabelecimento e manutenção dos vínculos conjugais, com as repercussões na capacidade pensar e no desenvolvimento global dessas relações.

Considera-se recurso indispensável e a própria prática nos aponta para a necessária atenção a ser dada aos vínculos descritos por Bion, que, como representantes da experiência emocional, não é aos objetos o alvo de inveja e ataques destrutivos, mas aquilo que os vincula.

## PSICANÁLISE DE CASAL E SUAS RELAÇÕES VINCULARES

A díade-casal é uma “unidade” complexa, regulada por laços, com estrutura, organização e funcionamento psíquico próprio. As escolhas de parceiros, bem como, o manejo dessas relações, estão intimamente ligadas às etapas evolutivas do desenvolvimento emocional de cada um dos parceiros.

Destacam-se algumas considerações possíveis para a necessidade e importância de uma intervenção estendida ao casal, (e até a família): a primeira delas a ser destacada é que se tem observado muito frequentemente na clínica, uma demanda centrada no sintoma da criança, no qual é chamado de paciente identificado. Em alguns casos, a criança, que, identificada com as projeções dos pais e/ou familiares, a partir de sua sintomatologia, tornar-se-ia o porta-voz da dinâmica disfuncional destes. O que fica evidenciado nesses casos específicos são os conflitos conjugais e/ou familiares presentes, onde se busca compreender o papel que a criança ocupa na família, especialmente na constituição e dinâmica do casal; a segunda consideração seria quando os conflitos do casal tomam proporções tais, que interferem na manutenção do vínculo conjugal saudável, levando a uma possível falência ou destrutividade da relação; uma terceira consideração pode ser vista, quando um dos membros do casal está em desenvolvimento pessoal, por meio de psicoterapia ou análise individual, gerando muitas vezes um desequilíbrio na dinâmica conjugal em função de suas transformações e questionamentos existenciais. Boicotes, ciúmes, inveja, ataques ao tratamento e ao vínculo com o analista, incluindo o vínculo do próprio casal, são exemplos não incomuns desse desnivelamento da relação. Desse modo, o aten-

dimento ao casal tornar-se-ia necessário, inclusive, como uma alternativa preparatória para uma possível futura análise individual. Questões ligadas a uma indisponibilidade interna, como vivências simbióticas na relação, que incidam em fantasias drásticas de separação iminente, caso se vejam em intervenções separadas, são bem indicadas. Do mesmo modo, pacientes fóbicos ou iniciantes em tratamentos psíquicos, normalmente se apresentam menos ameaçados ou resistentes quando encaram um tratamento sob o vértice de casal.

Uma observação que talvez também mereça destaque aqui são as transformações porque vem passando as relações afetivas, familiares e a sociedade ao longo dos anos: sexualidade, papéis e funções masculinos e femininos, novas formas de configurações familiares etc. Também não se pode deixar de mencionar as mudanças abruptas que ocorrem na vida, desestabilizando e perturbando o sentimento de identidade e integração do self, provocando experiências de desamparo e desvalia no casal e ameaçando uma ruptura tanto internamente aos sujeitos, quanto em sua vinculação.

Faz-se necessário esclarecer que abordar o casal ou a família, não significaria o mesmo que atender as partes ou a cada indivíduo separadamente, mas atender o grupo casal ou familiar como um paciente, ou seja, como uma unidade autônoma com vida e funcionamento mental próprio. Assim, a indicação para uma psicoterapia ou análise de casal somente deve ser recomendada, quando detectada uma real demanda de conflito intersubjetivo subjacente.

Entende-se a concepção de vínculos nas relações de casal como um elo entre duas pessoas por meio de forças psíquicas e experiências emocionais, fonte de preenchimento, realização, integração e amadurecimento. Vincular-se reflete também uma tensão dualista: a necessidade de individualidade, liberdade e autonomia, bem como, a necessidade do outro, de pareamento, intimidade, proximidade, realização afetiva, sexual, social. Porém, faz-se necessário sinalizar para o que Bion (1994) denominou como vínculo: como aquele que está a serviço de uma função; um terceiro (objeto externo e interno), ou ainda, a relação do sujeito não com o objeto, mas com a função que cumpre essa relação. Portanto, é com essa construção inovadora de Bion que o texto será fundamentado partir de agora.

Tomando emprestado o mito do jardim do Éden como metáfora – a criação do primeiro casal, Adão e Eva, segundo a Bíblia Sagrada, este, nos permitirá pensar nesse casal como uma unidade viva e autônoma. O papel atribuído e exercido por cada um na constituição e funcionamento da relação é de um modelo de vínculo que se traduz

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. *A clínica de casal: psicanálise das relações vinculares*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 117-126, 2009.

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. *A clínica de casal: psicanálise das relações vinculares*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 117-126, 2009.

pela ideia de complementaridade da mulher em relação ao homem-Deus. A expressão “tem de tornar-se uma só carne”, denota o tipo de vínculo que deveria existir entre marido e mulher. (GÊNESIS 2:18, 20-24) Percebe-se que o alto nível de idealização e indiscriminação se mantém muito presente na história bíblica dessa relação: o desejo pela perfeição e imortalidade divina (ser o Criador e não a criatura); e a onipotência, onisciência, onipresença, uma curiosidade patológica, conjuntamente com uma arrogância e estupidez descritas por Bion (1993) sobre o Mito de Édipo. Como resultado da ingratidão pela condição de imagem e semelhança a Deus, pois, o desejo era ser o próprio Deus, Adão e Eva foram destituídos da graça santificante e expulsos do paraíso.

Na verdade, o que prevalece no mito como o que foi descrito acima é a noção de uma dinâmica vincular de inseparabilidade, com empobrecimento do self e ego e uso predominante de cisão e identificação projetiva. A função vincular neste caso se destina a destruir as diferenças entre os parceiros, a singularidade de cada um e a criatividade; o ataque frente ao desconhecido em si e no outro e o desejo de unicidade absoluta. Atacar a Verdade é atacar o conhecimento da impotência, fragilidade e pequenez humana, inclusive também, atacando o “bom” que vem da relação com o Divino. A função vincular estar a serviço da satisfação do desejo, desconsiderando a realidade.

Quando se trata de relações de casais em psicanálise, não se pode deixar de reunir compreensões que seguem tanto uma leitura freudiana quanto kleiniana. As ideias centrais da psicanálise clássica freudiana (1980), como as fases do desenvolvimento psicosssexual, complexo de Édipo, narcisismo, processos de identificação na formação da identidade, escolhas e tipos de parcerias são importantíssimas para o trabalho clínico realizado com casais (EIGUER, 1985). Acredita-se que há um encontro entre dois inconscientes. Essas ideias que compõem a psicanálise freudiana podem ser encontradas no tango de encerramento do filme espanhol *Inconscientes*, vivido pelos personagens Alma e Salvador. O tango comunica a seguinte reflexão:

Tu y yo no somos tu y yo,  
Si no dos locos inconscientes.  
Si tu es caras, yo cruz;  
Yo sombra, tu luz;  
Sin razón, cuerpo y mente.  
Aun que nuestro amor,  
Lo apuesta tudo ahora de reves.  
Vivir es poner,  
Mi mundo a tus pies.

E antamos cercando el mar,  
Em busca de una nueva vida.  
No mire el reloj,  
Ahora vamos los dos,  
A buscar la salida.  
Entre tu y yo,  
Hay tanto que debemos descubrir.  
Amar, es al fin,  
Vivir<sup>2</sup>.

Quando o casal só é capaz de lidar com suas emoções de um modo psicótico, atuando através de identificações projetivas maciças, a psicoterapia ou psicanálise de casal pode ajudar a exercer a função alfa da relação inicial mãe-bebê. Ou seja, o terapeuta assume a condição de rêverie e se oferece como continente para esse casal, discriminando afetos e pensamentos dos cônjuges, mantendo o enquadre e favorecendo a discriminação e individuação desses parceiros (1988). Estes são alguns dos indispensáveis conceitos de Bion a clínica com casais.

Na clínica contemporânea com casais, atenta-se para como o casal enquanto mente própria relaciona-se com a função do vínculo estabelecido por eles entre si (1994). A dupla é uma unidade que constrói um vínculo em comum entre eles, e esse vínculo vivo é uma mente autônoma que pode estar funcionando mais predominantemente de modo psicótico ou de modo neurótico. Essa ideia vem da compreensão de Bion (1991) sobre a parte psicótica e não-psicótica da personalidade. A fonte de todos os vínculos é de natureza emocional, um estado mental (emoção) que exerce uma função na relação e que tem vida própria, é um objeto em si mesmo. Portanto, os

---

2 Você e eu não somos você e eu, e sim dois loucos inconscientes. Se você é cara, eu coroa; eu sombra, você luz; sem-razão, corpo e mente. Mesmo que nosso amor, tenha virado tudo de ponta-cabeça. Viver é colocar, meu mundo aos teus pés. Estamos cruzando o mar, em busca de uma nova vida. Não olhe o relógio, agora vamos nós dois, a procurar a saída. Entre você e eu, há tanto que devemos descobrir. Amar é, por fim, viver. (2004.)  
Amái-vos um ao outro, mas não façais do amor um grilhão.  
Que haja, antes, um mar ondulante entre as praias de vossas almas.  
Encheis a taça um do outro, mas não bebais na mesma taça.  
Dai de vosso pão um ao outro, mas não comais do mesmo pedaço.  
Cantai e dançai juntos, e sede alegres, mas deixai cada um de vos estar sozinho,  
Assim como as cordas da lira são separadas e, no entanto, vibram na mesma harmonia.  
Dai vossos corações, mas não confieis a guarda um do outro.  
Pois somente a mão da vida pode conter vossos corações.  
E vivei juntos, mas não vos aconchegueis em demasia;  
Pois as colunas do templo erguem-se separadamente,  
E o carvalho e o cipreste não crescem a sombra um do outro.

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. *A clínica de casal: psicanálise das relações vinculares*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 117-126, 2009.

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. *A clínica de casal: psicanálise das relações vinculares*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 117-126, 2009.

três vínculos (amor, ódio e conhecimento) descritos por Bion (1991) estão presentes na relação do casal e na relação do casal com seu terapeuta ou analista. E sendo assim, estão tanto a serviço da pulsão de vida quanto da pulsão de morte.

Como ilustração, um breve relato de um caso de atendimento a casal vivido pela autora deste trabalho (SAMPAIO, 2009): baseia-se na descrição de uma experiência fundamentada nas ideias acima levantadas e pela qual se tornou evidente as noções de vínculos à psicanálise de casal. A fim de preservar o anonimato do caso, algumas informações sofreram alterações, o que se espera não comprometer a exatidão da descrição analítica. De qualquer modo, acredita-se que ainda assim não haverá impedimento de se lançar luz sobre o material de trabalho.

Um casal jovem, inicialmente procura ajuda psicológica a partir da esposa. No segundo encontro, os dois comparecem para o trabalho em conjunto. Queixam-se de brigas frequentes entre eles. De acordo com a esposa, as motivações dessas desavenças são as ausências do marido na educação dos filhos, o uso excessivo de bebida alcoólica e a falta de companheirismo. Porém, segundo o esposo, as motivações seriam de outra ordem: o ciúme da esposa. Ambos têm um discurso muito aproximado entre eles: não querem “trabalhar” para alcançar progressos. Demonstrando sinais de desconfiança, o marido disse: “Não tenho o que falar.” A esposa então enfatiza: “Nós não temos recursos. Está tudo muito difícil, mas precisamos de ajuda.” Mas adiante ela expressa: “Ele podia ser diferente. Precisa atender mais as minhas necessidades e as dos filhos.” “Você não acha que tenho razão, nós precisamos mudar...”

Por se tratar de uma relação terapêutica, as considerações sobre o atendimento ao casal serão tratadas na primeira e terceira pessoa.

Algumas das manifestações clínicas na dinâmica conjugal são encontradas em diversas expressões do relato. Pode-se entender a “briga” tanto como um recurso destrutivo (acting e enactment), com propósito de evacuar sentimentos intoleráveis um dentro do outro, inclusive dentro de mim, como também, um meio de brigar a favor, de lutar pela relação. Desejam contar comigo, mas necessitam da garantia de segurança, ou seja, saber de que lado da “briga” a terapeuta estará investindo. Considerando as motivações inconscientes do casal, é nítida a dificuldade em se reconhecerem como pessoas separadas, em perceber sentimentos e discriminar o que é de um e o que é do outro. Sinalizam na relação transferencial, o desejo de conluio comigo, de que me alie a um contra o outro, num estado mental de confusão, e assim, numa relação também fusionada. O que é encenado

no setting pelo casal é algo que as palavras ainda não conseguem alcançar e nomear. Os encontros são sempre muito difíceis e “trabalhosos”, com faltas e atrasos, permeados por ataques sádicos de inveja e idealização ao vínculo terapêutico. Um destaque deste caso é a dificuldade do casal em suportar frustrações advindas tanto da realidade externa quanto da própria relação conjugal. A briga também representava a função de ataque destrutivo ao casamento terapêutico que às vezes os frustrava e do qual dependia. Compreendi as ausências, o uso excessivo de bebida alcoólica, a falta de companheirismo, o ciúme, associando-os a experiências de privações vividas, ao uso excessivo de identificações projetivas e ao vazio sentido pelo casal. Intolerância a realidade externa e interna e o desejo de viverem no “Paraíso do jardim do Éden”, sem “trabalhar”. Porém, em contrapartida, desejam trabalhar, reconhecendo que precisam de ajuda e a solicitando. “Não tenho o que falar.”, denota um ataque expresso ao elo de ligação entre o casal e eu e ao trabalho terapêutico. A função do vínculo nesse momento é de me privar de qualquer possibilidade de acesso à relação e às emoções. É interessante pensar que o ataque aos vínculos advindos do casal, também poderiam representar um ataque invejoso a dupla de pais acasalados e criativos. Na fantasia, o ataque sádico era dirigido ora a dupla formada entre o casal em si, ora entre mim e a esposa, ora entre mim e o marido. O casal verbaliza através da falta de recursos financeiros, a precariedade de seus recursos egóicos. Falta-lhes uma mente em condições para pensar. “Está tudo muito difícil”, significa dizer em outras palavras, que dói muito sentir e ter acesso a esses sentimentos. Ambos necessitam que eu empreste o meu espaço interno, num estado mental de rêverie, confortável o suficiente para ser o continente de suas descargas de identificações projetivas, único recurso disponível por esse casal para se comunicar e aprender com a experiência. “Ser diferente”, uma mãe diferente e diferenciada, separada deles, uma terapeuta-mãe que atenda as necessidades primárias dos “filhos”, dando melhores condições para suportar a “difícil” dor da impotência e do desamparo.

Contratransferencialmente, vejo-me em muitos momentos irritada, desmotivada, num movimento interno também de confusão mental. Percebo-me necessitando preservar minha mente dos ataques violentos dirigidos ao vínculo comigo, ao mesmo tempo, tendo de lidar com o meu próprio narcisismo, fomentado pela idealização do casal a nossa relação. Minha capacidade para pensar parecia estar “ausente” e a condição de produzir um “sentido” à experiência vivida com este casal denotava a minha impossibilidade momentânea (como era também

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. *A clínica de casal: psicanálise das relações vinculares*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 117-126, 2009.

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. *A clínica de casal: psicanálise das relações vinculares*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 117-126, 2009.

a do casal) para sentir as emoções intensas presentes. Assim, via-me, em determinados momentos, privada em exercer a função analítica de rêverie (e alfa), impedida de criar, criar boas condições, ter boas condições, oferecer boas condições. A emoção era de uma sensação de “infertilidade analítica”. Entretanto, foram as emoções intensamente vividas nessa experiência, os instrumentos pilares de transformação para o casal, enquanto parceiros, e para mim, enquanto terapeuta.

O que fica bem marcado nesse material de trabalho é tornar interno o que é externo na relação conjugal, contribuindo para um espaço que ofereça espaço para a dor psíquica, tão pouco falada e muito atuada. O ataque aos vínculos é a expressão da dor sentida e hostilizada. Assim, a comunicação pré-verbal, estabelecida por meio de identificações projetivas e utilizada pelo casal na relação vincular comigo, evidencia a importância do que não é dito em palavras, mas vivido, e que é o conteúdo e o representante mais expressivo daquilo que ainda não se pode nomear. O interjogo de identificações projetivas e introjetivas na relação com esse casal em particular, vai oferecendo elementos para a construção do seu mundo interno e promovendo a criação de vínculos mais saudáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é constatado, na relação analítica ou psicoterapêutica com casais é encontrada uma possibilidade de saída para transformar um modelo primitivo e danoso de relação conjugal num modelo de relação criativa e sadia, e essa oportunidade de aprender com a experiência emocional pode devolver ao casal a condição de criar novos modelos de vinculação.

## REFERÊNCIAS

BION, W. R. Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica (1957). In: **Melanie Klein Hoje**. Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 69-86. v. 1 – Artigos teóricos.

\_\_\_\_\_. **Ataques ao elo de ligação** (1959). Idem. p. 94-109.

\_\_\_\_\_. **O aprender com a experiência** (1962). Rio de Janeiro: Imago, 1988.

\_\_\_\_\_. **Estudos psicanalíticos revisados** (1967). 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BION, W. R. (1957). On Arrogance. In: \_\_\_\_\_. **Second Thoughts**. London: H. Karnac, 1993.

EIGUER, A. **Um divã para a família: do modo grupal à terapia familiar psicanalítica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905). Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. VII. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud.

\_\_\_\_\_. **Sobre o narcisismo: uma introdução** (1914). v. XIV. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980

\_\_\_\_\_. **Luto e melancolia** (1917[1915]). v. XIV. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980

LIVRO DE GÊNESIS. Velho testamento. In: **A bíblia sagrada**. Cap. 2 e 3.

KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos** (1921-1945). v. I. Obras Completas de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago, 1996

KLEIN, M. **Inveja e gratidão e outros trabalhos** (1946-1963). 4.ed.. cap. 9, p. 169-204. v. III. Obras Completas de Melanie Klein, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. A psicanálise de casal: relações vinculares. In:

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. **O casal no divã: psicanálise do vínculo conjugal**. 51 f.. Monografia de Conclusão do Curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica, UNIVEM e NPMR, Marília, SP: [s.n.], 2009. Cap. 5. p. 39-45.

Wikipédia, a enciclopédia livre. *Adão e Eva*. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ad%C3%A3o\\_e\\_Eva](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ad%C3%A3o_e_Eva)>. Acesso em 15/09/2009.

SAMPAIO, Alexandra de Oliveira. *A clínica de casal: psicanálise das relações vinculares*. Mimesis, Bauru, v. 30, n. 2, p. 117-126, 2009.